



# A REVISITAÇÃO DE MINAS GERAIS EM *MINHA VIDA DE MENINA*

---

MINAS GERAIS REVISITATION IN *MINHA VIDA DE  
MENINA*

Bárbara Del Rio Araújo<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG*

**Resumo:** *Minha Vida de Menina* (1942) é o título do diário de Alice Dayrell Caldeira Brant, conhecida pelo pseudônimo de Helena Morley. Nele, são representados fatos vivenciados pela menina entre os 13 aos 15 anos e, mais que isso, o cotidiano de Diamantina no período de 1893 a 1895, quando os resquícios da escravidão ainda vigoravam e a mineração se encontrava em decadência. O que se percebe é que ao lado do desenvolvimento formativo do indivíduo, representa-se também a construção social, tudo isso articulado em um trabalho narrativo de recomposição do espaço mineiro por meio da imaginação. Este trabalho tem a pretensão de analisar a obra a fim de perceber como ocorre a inscrição do espaço social no espaço intimista, demonstrando uma narrativa que não se limita ao seu caráter privado e se amplia na reflexão sobre a existência histórica. Nesse aspecto, procura-se aproximar esse diário de uma narrativa de formação, subgênero muito próximo do Bildungsroman, evidenciando que a intensificação

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo programa de pós-graduação em estudos literários da Universidade Federal de Minas Gerais. (POSLIT/UFMG). Professora efetiva de literatura brasileira no CEFET-MG. Email: [barbaradelrio@gmail.com](mailto:barbaradelrio@gmail.com).

---

da experiência subjetiva de Helena permite a revisitação de Minas Gerais e do Brasil durante a passagem do século XIX para o século XX.

**Palavras-chaves:** Sociedade; Literatura; Bildungsroman; *Minha Vida de Menina*.

**Abstract:** *Minha Vida de Menina* (1942) is the title of Alice Dyarell Caldeira Brant's casebook, named with Helena Morley pseudonym. On this book, facts lived by the girl are represented, between her 13 and 15 years old and, moreover, the Diamantina's quotidian in 1893 up to 1895, when the slavery holdover still survive and the mining was decaying. It's possible to notice that, by the individual formative development side, also represent the social building, all of this articulated in a narrative recomposition work of mineiro's space by the imagination. This paper intends analyzing the book searching to perceive how occurs the social application on intimate space, showing the narrative is not limited by its private character, but it is enlarged on its reflection about the historic existence. In this sense, we search to approach this casebook close the formation narratives, subgender closed to Bildungsroman, showing the Helena's subjective experiences allow Minas Gerais and Brasil revisitation during the nineteen century passage.

**Keywords:** Society; Literature; Bildungsroman; *Minha Vida de Menina*.

## 1 MINHA VIDA DE MENINA E A VISADA ACERCA DA SOCIEDADE DIAMANTINENSE.

Este trabalho tem como objetivo entender como a formação identitária que perpassa a escrita de um diário revela, para além do sujeito, muito da sociedade que o cerca e que atua diretamente na sua construção íntima. O diário de Helena Morley nos apresentará junto do amadurecimento da narradora o progresso da sociedade diamantina, sendo possível identificar na cidade mineira como a modernização se vincula aos hábitos arcaicos. Interessante, nesse sentido, é que acompanharemos uma dinâmica profunda: o primeiro movimento diz respeito à interioridade da protagonista, isto é, perceber como a juventude de Helena resgata aspectos da infância e hábitos familiares; o segundo se refere ao lugar de onde ela fala, permitindo entender o presente da cidade mineira e como ele abarca o tempo anterior, marcado pela escravidão e relações servis. Por fim, a relação entre esses deslocamentos a revelar como a história de Helena muito representa da história de Minas Gerais e, também, do Brasil.

*Minha Vida de Menina* foi escrito por Alice Caldeira Brant, sob o pseudônimo de Helena Morley, durante a adolescência, mais precisamente entre os 13 aos 15 anos. Dos anos 1893 a 1895, acompanhamos a vida dessa descendente de ingleses que já não possuía as condições econômicas abastadas e era condicionada a pelear com a decadência da mineração da região. Filha de

---

Alexandre e Eulália, a menina descreve os irmãos e a avó que admira. Em meio às reminiscências particulares, os fatos interiores e cotidianos da adolescente, deflagramos também as mudanças da província mineira, que vivenciava uma modernização particular com o final da escravidão e a implementação do trabalho livre:

Quinta-feira, 5 de janeiro (1893)

Hoje foi nosso bom dia da semana. Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Molhado. A gente desce pelo beco, que é muito estreito, e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto. Nunca encontramos lá uma pessoa, e por isso mamãe escolheu o lugar. Mamãe chama Emídio, da Chácara, e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão. Renato leva no carrinho as panelas e as coisas de comer. E vamos cedo. Mamãe e nós duas, eu e Luisinha, entramos debaixo da ponte para lavar a roupa. Emílio, o crioulo, vai procurar lenha. Renato vai pescar lambaris; nunca vi tanto como ali. (...) Nós ficamos lavando a roupa e botando para corar, enquanto mamãe faz o almoço de tutu de feijão com torresmos e arroz. Depois de lavarmos a roupa e passar algum tempo do almoço, mamãe fica vigiando o caminho pra ver se vem alguém e nós entramos no rio para tomar banho e lavar os cabelos. Depois disso batemos as roupas na pedra, enxaguamos e pomos nos galhos para secar. Agora é só procurar frutas no campo, ninhos de passarinho, casulos de borboletas e pedrinhas redondas para o jogo. (...) Que economia seria para a mamãe, agora que a lavra não tem dado nenhum diamantinho olho-de-mosquito, se pudéssemos ir à ponte todos os dias, pois Renato e Nhonhô vendem tudo que trazem, no mesmo dia. (MORLEY, 1998, p.19)

Nesse trecho, ao lado da descrição dos afazeres familiares, é apresentada a situação econômica diamantinense, que já vivenciava o início da decadência exploratória de diamantes. Ao lado dessa deflagração, há ainda a exposição do começo de uma organização social do trabalho, pois notamos que as tarefas são divididas entre os irmãos de Helena de modo a obter mais rapidez e benefícios. Percebe-se ainda que, junto da família de Helena, os crioulos da fazenda ainda atuam intensamente no trabalho, mesmo após a abolição, sancionada pela Lei Aurea de 1888, que foi precedida das leis Eusébio de Queiros e do Ventre Livre: “Mamãe chama Emídio, da Chácara, e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão”, “Emílio, o crioulo, vai procurar lenha”.

Interessante é observar como que a alegria, a utopia, o divertimento e emoção ao executar os afazeres escondem e atenuam as cruezas dessas relações sociais que ainda demarcam um caráter desumano e exploratório em relação à

---

mão de obra escrava. Tal característica é presente durante toda narrativa e demonstra um modo específico de Helena lidar com a mudança econômica e mais que isso demonstra como o jogo de interesses entre classes diferentes se consolidou na formação social e econômica mineira.

Em seu diário, Helena deixa explícita a situação de sua família e a sua relação específica com a sociedade diamantina. Ligados à exploração dos minerais, seus pais vivenciavam a baixa desse setor produtivo e tentavam, à duras penas e à custa de favores dos empresários e da exploração dos negros, se adaptar à situação de modernização desse setor:

Meu pai voltou ontem do Paraúna. As provas não foram boas. Meu pai diz que sabia que as lavras de lá não são iguais à Boa Vista e à Sopa. Ele diz que o Francês já encomendou maquinismos e que tirar diamante agora vai ser diferente do sistema de bateia. Os maquinismos vão mexer tudo e os diamantes já saem separados. Meu pai acha que para lavras boas e sem água o processo vai ser bom, porque eles vão puxar a água de longe em canudos de ferro. Eu sei que vou ter saudades dos lavadores virando as bateias e a gente vendo os diamantes estrelar no esmeril. Só quem nasceu na mineração como a nossa família é que conhece esse prazer. (MORLEY, 1998, p. 113)

Ao lado da nostalgia de Helena pelo sistema arcaico de produção, há uma inquietação diante da modernização. Nas entrelinhas, percebemos que existe uma mudança no sistema econômico que implica em alterações na vida particular e íntima da adolescente e vice versa. Importante é perceber a existência de uma comunhão entre as transformações históricas e individuais que demonstram o processo de formação articulado entre o “eu” e a coletividade.

Na passagem seguinte, por exemplo, apresenta-se a formação educativa de Helena aderida à mentalidade pré-capitalista que projeta a acumulação inicial para a formação de reserva. Percebemos nesse sentido o desenvolvimento conjunto entre a esfera social e pessoal:

Eu fui acabando de aprender a ler e tia Magde, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O poder da vontade* e me fez ler para ela ouvir. Acabado este deu-me outro: *O caráter*. Eu tinha de ler e contar tintim por tintim. Afinal os dois dão na mesma coisa: economia, correção, força de vontade. Tenho certeza de que esses livros não me valeram de nada. Força de vontade não adquirir nem um pinga mais do que eu já tinha. Caráter não mudei em nada. Bondade, nada mais do que eu já tinha. Só uma coisa eu penso que

---

lucrei, mas não tenho certeza se foi Samuel Smiles que me ensinou, pois não me ensinou outras coisas: foi aprender a ser poupada e a guardar tudo o que tenho. (MORLEY, 1998, p. 58).

Cada um de nós tem duas ou três galinhas. Meus irmãos só esperam as deles botarem e às vezes até acabam de puxar ovo da galinha para assarem na colher ou fazerem gemada. Eu, desde que li os diabos dos livros, ajunto os ovos. Quando inteiro uma dúzia eu vendo. Uma vez comprei uma escova de dentes; outras vez comprei um par de meias. Se vovó manda um queijo ou uma caixeta de marmelada para nós, os outros comem a parte deles no mesmo dia, eu guardo a minha parte para ir comendo aos poucos; mas sempre acabo repartindo com eles (MORLEY, 1998, p. 58-9).

A adoração da menina por Samuel Smiles e o incentivo da família a esse tipo de leitura não é gratuito. Acompanhando as mudanças sociais e econômicas, Helena adota o livro do reformador britânico para auxiliá-la no processo de adoção de valores da sociedade vitoriana buscando adaptá-los à sociedade brasileira. O projeto de uma sociedade assalariada é o assunto discutido pelo autor no livro e aprendido pela adolescente como mote de vida, estruturando sua personalidade e o comportamento de sua família. De modo particular, Helena aprende que poupar é importante e isso além de compor uma característica íntima será comum à sociedade brasileira que se prepara para a mudança econômica e para a acumulação pré-capitalista.

De certa maneira, *Minha Vida de Menina* dá notícias sobre a formação de Helena e, mais que isso, a formação social e econômica da sociedade mineira. De modo desprezioso, descrevendo situações corriqueiras, explana-se o processo social, onde a modernização permeada pelo favor e os resquícios da escravidão estavam ainda latentes. A narrativa memorialística, embora às vezes pareça pueril, apresenta um potencial crítico, que é capaz de esboçar as ambiguidades do processo de modernização brasileira. Roberto Schwarz, assim como outros críticos, enaltece o livro aproximando da astúcia da prosa machadiana, sobretudo em *Dom Casmurro*:

A seu modo, a excelência do livro da Morley confirma o programa machadiano, que à matéria nacional explícita e emblemática preferia o “o sentimento íntimo” do país e do tempo, o famoso brasileirismo interior, “diverso e melhor do que se fora apenas superficial”. O tino da moça para o âmbito das relações e para sua precedência sobre a definição convencional dos termos não pára de surpreender. Como a obra de Machado de Assis, os escritos de Helena parecem imunizados contra a grosseria corrente, ou seja,

---

contra a confirmação mental das separações, dos estigmas ligados à persistência – ou à modernização – da matriz colonial. A humanidade perfeita no trato com os espezinhadados da vida brasileira deixa boquiaberto o leitor de hoje. A imprevidência absurda, a dependência pessoal abjeta, a cor escura da pele, a gramática errada, os furtos constantes, a superstição, etc. não são lançados à conta exclusiva da outra classe, e melhor, são lembrados ironicamente dentro da própria, deixando sem arrimo ideológico a realidade do desconjuntamento social (SCHWARZ, 1997, p. 128-9).

Associando o livro de Helena Morley a Machado, o crítico reconhece em ambos o viés irônico como potencializados para demonstrar a “persistência – ou a modernização - da matriz colonial”. Deste modo, mostra-se que na construção do sujeito no diário perpassasse também a construção social, a qual aponta para uma modernização arcaizante, em que valores coloniais de exploração e favores são mantidos em meio à expectativa do progresso, do discurso abolicionista e do encantamento com a formação pré-capitalista. Nesse sentido, percebemos que a formação do indivíduo assim como da sociedade seguem parâmetros modernos que são adaptados à situação brasileira, tomando forma particular.

Assim como Machado revela em *Dom Casmurro* o desenvolvimento formativo de Capitu e Bentinho, *Minha Vida de Menina* revela a formação de Helena e mais do que isso como a classe que ela pertence organizou estratégias para a modernização dando a entreve um comportamento particular e ao mesmo tempo coletivo de formação comum à estruturação da sociedade brasileira.

## 2 A FORMAÇÃO DO PERSONAGEM E A FORMAÇÃO SOCIAL

*Minha Vida de Menina* é um diário cuja narrativa nos permite a comparação com o romance de formação. Quando entendemos a tipologia lukacsiana que o filósofo húngaro sintetiza em *Teoria do Romance*, percebemos que o desenvolvimento do indivíduo, no caso, Helena Morley, ocorre paralelo com o meio - desenvolvimento e modernização da província de Diamantina e do Brasil. Pode-se notar que existe na narrativa certa versatilidade e afetividade que apontam para as especificidades formativas do eu ao mesmo tempo em que dizem da formação social daquele momento histórico. O que se busca é mostrar como, ao lado do sujeito ali representado, seus aspectos formativos e

---

personalidade estão as crispações morais que demonstra seu estilo ao mesmo tempo em que reforçam as relações sócias em um âmbito mais geral.

No livro *Teoria do Romance*, Lukács discorre sobre a formação do romance, associando ele a outros gêneros como a epopeia e propondo uma tipologia romanesca. Para entender o texto do autor, é preciso considerar a noção de forma como aquela capaz de reunir os elementos estéticos e da realidade; e tomar o romance como a forma madura e necessária à modernidade. Dentre os tipos romanescos propostos como Idealismo Abstrato, Romantismo da Desilusão, temos o Romance de Formação que se situa entre os já citados e se caracteriza pela relação íntima entre o desenvolvimento do indivíduo e do mundo, agindo e refletindo um sobre o outro:

A humanidade, como escopo fundamental desse tipo de configuração, requer um equilíbrio entre atividade e contemplação, entre vontade de intervir no mundo e capacidade receptiva em relação a ele. Chamou-se essa forma de romance de educação. Com acerto, pois a sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado para um determinado objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos ; pois o que se alcança desse modo é algo por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação. (LUKACS, 2000, p.141)

Nesse tipo de narrativa, elabora-se possibilidades de relação entre interioridade e mundo de modo que “o mundo exterior, profissão, classe, estamento, etc. é de fundamental importância, como substrato da ação social, para o tipo humano aqui em pauta”. O que se nota é que as ações desse sujeito relaciona-se intimamente às estruturas da sociedade, encontrando nelas vínculos e satisfações para o mais recônditos da alma. O diário de Helena Morley ainda que não seja um romance aproxima desse tipo de narrativa de formação, pois nele se relata o processo de crescimento e a experiência de vida da personagem e o desenvolvimento do espaço e das pessoas que acercam, apontando para a coletividade.

Durante toda a narrativa é possível notar que a afetuosidade e versatilidade de Helena aponta para uma ambivalência interessante que entrecruza a formação do indivíduo e a formação social: o uso de diminutivo e a afetividade aponta para o estilo particular da adolescente, sua formação de personalidade ao mesmo tempo em que demonstra uma estratégia para adquirir favores, uma desfaçatez sobretudo em relação aos ex-escravos.

---

Helena sempre sistematiza em seus escritos seu amor e afetividade pelos escravos. No exemplo seguinte percebe-se que Helena valoriza a escrava Cesarina referindo-a de modo carinhoso, pelo uso do diminutivo “negrinha”. Ao mesmo tempo que isso mostra um traço da personalidade da garota, mostra ainda seu interesse pelos serviços prestados à sua família: “A nossa negrinha Cesarina tem nos feito muita falta. Ela adoeceu do peito e mamãe não quis tratá-la em casa, coitadinha, por que diz que a moléstia pega muito. (...)Ela é tão nossa amiga e tão boazinha para nós” (MORLEY, 1998, p.70)

O mesmo ocorre em relação a sua família. Helena descreve a proximidade para com os negros, demonstrando com isso um duplo processo de afetuosidade e exploração. No exemplo abaixo, percebe-se que o vínculo entre os “negrinhos” e as tias é constante e desejado. Contudo, há uma relação de mando e servidão nessa relação afetiva de modo a subjugar sempre os escravos:

Meu pai e mamãe sempre conversavam em casa sobre a mania de vovó e Dindinha nunca passarem sem um crioulinho para criar e gostarem tanto como se fosse branco. Cada um tem sempre o seu. Se aquele cresce já vem outro para o lugar. Vovó sempre cria negrinhas e Dindinha negrinhos. Quando são pequenos eu não me admiro, porque eu também gosto muito de menino pequeno e acho muita graça no Joaquim que Dindinha está criando agora. Ela o manda fazer gracinhas para nós e ele é muito engraçadinho. Mas gostar de negrão é que eu acho uma coisa esquisita. (MORLEY, 1998, p.178)

O que de fato surpreende é o modo da narrativa articula documentário e imaginação demonstrando na indefinição das atitudes da adolescente e de sua família um comportamento similar e análogo a posição das elites, representando o processo social da época. Sergio Buarque, em *Raízes do Brasil*, demonstra que fazia parte do comportamento social brasileiro desde o tempo colonial o uso da cordialidade como uma maneira particular e estratégica para conseguir favores e manter a exploração:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o 'homem cordial'. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência dos padrões de convívio humano informados no meio rural ancestral e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam

---

significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo - ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. (BUARQUE, 1963, p.146-7)

O estudioso ainda analisa linguisticamente que o uso de diminutivos é uma maneira de expressar essa cordialidade e mascarar o processo atroz de aproveitamento e exploração. Os sufixos “inho” e “inha” apesar de demonstrar epidermicamente uma certa polidez, atua como disfarce que faz com que Helena e seus familiares aproximem dos negros, buscando não somente a companhia, mas também os seus serviços. Armados com o verniz carinhoso, esses sujeitos tentam manter a sua supremacia social.

Embora a narrativa busque de maneira demonstrar que Helena assim como família viva em comunhão igualitária entre os negros na fazenda, o viés irônico logo desfaz essa primeira impressão no relato dos acontecimentos:

Um dia foram passear à fazenda de Seu João Pereira. (...) Na saída trouxe um feixe de caninhas para os meninos e disse: “Quem leva isto?”. Como era cana, que todos ambicionavam, os outros quiseram levar. As irmãs estavam longe. Zezé pôs o feixe de canas na cabeça e vieram contentes. Quando toparam com as irmãs é que foi a coisa. (...) Bibiana gritou: “Que isso Zezé? Você de feixe na cabeça como negrinho de senzala? Larga isso aí já! Dá ao Joãozinho para carregar”. Nhonho pegou no feixe e pôs na cabeça. Se fosse meu pai que estivesse perto, ele não se importaria. Mas mamãe também foi criada com muito escravo. Vovô era rico e tinha grande escravatura. Quando ouviu falar em negrinhos de senzala, mamãe diz que ele arapuou e gritou para Nhonho: “Larga isso aí já! Se eles não querem ser negrinhos de senzala, você é que não há de ser?”. E acrescentou: “E fique sabendo, de hoje em diante você não será mais criado de ninguém! Já chega!” Mamãe diz que a antipatia entre eles ficou. Quando ela chegou em casa, ainda com raiva, meu pai disse: “Para que essa raiva toda? O nosso João é um inglesinho perfeito; não pode parecer negrinho de senzala”. (MORLEY, 1998, p.91)

Esse exemplo figura de maneira clara que a aparência ou a sujeição aos trabalhos escravos era abominado pela família de Helena e também por ela. Parecer um negro, desempenhando as funções braçais era sinônimo de vexame, muito embora se busca mostrar certa versatilidade aproximação para com eles. Nesse aspecto, mostrar epidermicamente que é próxima a eles, tratando de forma cordial é um modo de manter a diferença para com eles, colocando sempre em soberania. A intenção em parecer afetuoso, tratá-los de maneira

---

polida esconde e mascara o processo de exploração, sendo que no íntimo não os reconhece como indivíduos e, ao contrário, continuam tratando como inferiores:

Nunca gostei tanto na minha vida de uma coisa como a que aconteceu hoje a Emidio. Tio Joazinho mandou-o levar uma carta ao Dr. Pedro Mata e ele voltou de cabeça quebrada. Foi mostrando a cabeça a tio Joazinho e dizendo: "Olha o que o senhor me fez!" Tio Joazinho perguntou: "Como foi isso?". Ele respondeu: "Foi o doido do Pedro Malta que me deu um pescoção e eu rolei pela escada a abaixo". Tio Joazinho disse: "Quem sabe você lhe falou como está me falando, chamando-o de Pedro Malta?". Ele respondeu: "Como é que o senhor queria que eu falasse? Não sou livre e tão bom como ele?". Tio Joazinho não pode deixar de rir e disse: "Foi muito bem merecido esse tapa. Gostei de ver. Com mais alguns você aprenderá a dobrar a língua para os brancos, negro sem-vergonha". Eu também gostei porque ele é muito intrometido. (MORLEY, 1998, p.104)

Percebe-se no trecho acima o desmascaramento da polidez e a exposição das desigualdades e da humilhação que os negros são submetidos. No discorrer da narrativa, vemos que Helena ora se recusa a discriminação e ora reclama os bloqueios que a abolição impunha a gente livre. Essa disparidade é percebida como parte da personalidade, representação do eu, mas aponta para a situação indefinida da história e do processo social. Roberto Schwarz afirma que a formação da personagem acompanha a formação econômica capitalista à brasileira:

É sabido que a emancipação política do Brasil, embora integrasse a transição para a nova ordem do capital, teve caráter conservador. As conquistas liberais da independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas não chegavam ao complexo sócio-econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução. Noutras palavras, o senhor e escravo, o latifúndio e dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado. No tocante às idéias caíam em descrédito as justificações que a colonização e o Absolutismo haviam criado, substituídas agora pelas perspectivas oitocentistas do estado nacional, do trabalho livre, da liberdade de expressão, da igualdade perante a lei etc., incompatíveis com as outras, em particular com a dominação pessoal direta". (SCHWARZ, 2000, p.36)

A dissonância na postura de Helena para com os negros que ora apela para afetuosidade e ora para a exploração e para as práticas discriminatórias dá

---

a entrever, segundo o sociólogo, o comportamento das elites mineiras que para manter-se em posição de mando se mostrava ambivalente: negociava o reconhecimento diplomático da Independência e obtinha a legitimidade externa mediante promessas abolicionistas, enquanto internamente assegurava à continuidade da escravidão. Em resumo, adotava medidas de modernização progressista, mas mantinha os aspectos senhoriais e colônias, como a opressão, o servilismo, a política do favor, constituindo uma *formação sui generis* para o país.

Ainda segundo Schwarz, a defesa do fim do tráfico negreiro a adoção das medidas progressistas por essa elite deixou entrevê os problemas ideológicos que a perpassava. Ameaçada, encarava com afetação e carisma os ex-escravos, tentando encobrir a afronta que essa abolição lhe causava. Deste modo, usava da cordialidade e do favor para manter a postura senhorial e o comportamento servil para com os negros:

É sabido que a emancipação política do Brasil, embora integrasse a transição para a nova ordem do capital, teve caráter conservador. As conquistas liberais da independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas não chegavam ao complexo sócio-econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução. Noutras palavras, o senhor e escravo, o latifúndio e dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado. No tocante às idéias caíam em descrédito as justificações que a colonização e o Absolutismo haviam criado, substituídas agora pelas perspectivas oitocentistas do estado nacional, do trabalho livre, da liberdade de expressão, da igualdade perante a lei etc., incompatíveis com as outras, em particular com a dominação pessoal direta". (SCHWARZ, 2000, p.36)

Em *Minha Vida de Menina*, o florescimento de Helena vem acompanhado da emancipação da sociedade diamantinense que assim como o país estava aderindo à ordem revolucionada pelo capital e das liberdades civis, que não só mudavam os modos de produção, aderindo ao progresso das máquinas, como também adotava o discurso de pressupostos evolucionistas e modernos. Na prática, contudo, percebemos no estilo de escrita da adolescente e nas situações por ela relatadas um flanco inesperado: uma cordialidade que disfarça e mascara a manutenção do estatuto colonial, funcionando em proveito da recém-constituída classe dominante nacional. Sobretudo em relação a mão de obra, culturalmente segregada e sem acesso as liberdades, essa classe

---

dominante agia, mantendo a ideia de país livre, mas mantendo as amarras e as posições sociais de modo vertical. O que se nota no comportamento descrito na versatilidade da garota e de sua família é um estrategema comum à elite brasileira para manter sua posição social e perpetuar a segregação mesmo após abolição.

Deste modo, a infração a modernização, a manutenção do servilismo e colonialismo vira regra na sociedade brasileira. Às avessas, o progresso se instala e na família de Helena, assim como na sociedade decadente mineira, progride-se a ambiguidade entre inovação e atraso conforme as conveniências da classe dominante. Interessante é notar como o diário, uma narrativa particular e íntima notícia e exemplifica uma transformação social e econômica que ilustra a situação do país na dura luta para adoção da modernidade.

Um último e representativo exemplo do diário é a descrição da reação da avó de Helena diante da abolição. Embora se descreva a afetuosidade da senhora para com os escravos, há uma atitude completamente opressora em saber da situação de liberdade deles e, sobretudo da igualdade entre eles:

Eu gosto de ver como os negros da Chácara são felizes. Mamãe diz que quando vovô morreu, cada filho (eram doze) ficou com escravos de sua estimação e vovó trouxe os outros, que eram uns dez ou doze, quando se mudou para Diamantina. Como não havia que fazer para eles e vovó nunca vendeu nenhum, pôs os negros na horta e as escravas ficam fazendo renda e trocando pernas pela casa. Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da Lei de Treze de Maio. Os negros todos largaram o serviço e se ajuntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó, com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com a bengala dizendo: “Pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi para você não, foi pra mim! Saiam já!” Os negros calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar. Vovó deixou, e os que não morreram ou casaram estão até hoje na Chácara. Também com a vida que eles levam... (MORLEY, 1998, p.211)

É interessante nos atermos à construção da narrativa para desvelar a ironia presente no trecho. Inicialmente Helena diz sobre a felicidade da vida dos negros na fazenda. Além disso, ela relaciona os cativos como pertencentes e presentes na família. Digamos que íntimos de cada filho. Há ainda uma sugestão que mesmo sem precisar dos seus préstimos, eles não foram vendidos e ficavam “trocando pernas pela casa”. Diante da anunciação da abolição e o requerimento pela liberdade e igualdade apresenta-se a outra face da moeda: a

---

avó de Helena age de modo completamente opressor, mostrando se contrariada. Tal atitude leva a renúncia dos escravos e a permanência na chácara.

É necessário observar também a frase final do relato: “Também com a vida que eles levam”. Não se sabe ao certo se Helena está denunciando as péssimas condições apresentadas aos negros após abolição ou se está justificando e se posicionando a favor de mantê-los na fazenda, pois lá eles têm “regalias”. Perceba que não há oposição e sim uma ambiguidade complementar. Ela crítica falta de possibilidades para os negros ao mesmo tempo que vê na fazenda da sua avó uma ótima oportunidade, justamente para mantê-los na condição inferior e poder desfrutar do seu posicionamento social. Assim sendo, o privilégio e o favor são os recursos que ela e sua família fazem uso assim como o conjunto social aristocrático mineiro.

### 3 À GUIA DE CONCLUSÃO

Este trabalho buscou mostrar como o estilo afetivo da narrativa de *Minha Vida de Menina* forma não somente o aspecto do sujeito ali representado como os aspectos sociais coletivos. Buscou-se verificar como os aspectos históricos estão estilizados na afetividade do texto evidenciando que a composição depura os nexos empíricos de maneira própria. Nesse aspecto, mostramos que a literatura não é hermética, fechada em si mesma, e que é autônoma ainda que possua relação com a realidade.

Por meio da análise do diário de Helena Morley, evidenciamos que o eu, suas esferas íntima e memorialística, está sim mediada e perpassada pela esfera social. Deste modo, a subjetividade não passa ao largo do crivo da realidade e a consciência individual está relacionada a consciência de grupos. Lucien Goldman, por exemplo, afirma que o mecanismo interior do pensamento individual é sempre perpassado pelos ideais coletivos. Assim, a consciência do personagem é antes de tudo uma representação mais ou menos adequada de certo setor da sociedade. (GOLDMAN, 1973, p. 101)

Não se pretendeu nesse trabalho afirmar que Helena é reflexo de sua sociedade, perdendo assim sua subjetividade, mas buscou-se mostrar como seus escritos particulares, seu diário, elabora uma estrutura extremamente variável, na qual entram ao mesmo tempo o indivíduo e o grupo ou um certo

---

número de grupos. (GOLDMAN, 1973, p.100). Nesse sentido, a estrutura estética se forma no conflito entre a expressão individual e o elemento social. Sendo assim, o elemento individual puxa a expressão estética para um lado, enquanto o elemento social puxa para o outro, ainda mais profundo, diversificando o texto e dando-lhe uma profundidade que obriga a completar a análise estética pela análise ideológica. (CANDIDO, 2002, p.55-56) Pode-se por fim concluir que há uma relação dialética, de oposição, mas também de complementariedade entre a formação subjetiva e social.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª Ed. São Paulo: companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: livraria duas cidades/Ed. 34,2002.
- FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- GOLDMAN, Lucien. *Crítica e Dogmatismo na Cultura Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973,
- GAGNEBIN, Jeanne. Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 4ª ed.revista pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.
- LUKÀCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico - filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed.34, 2000.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 10ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4ed. São Paulo: Ed.34, 2000.

---

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.